

SONS DA MINHA TERRA

Certa noite, há poucos dias,
não conseguia dormir,
ou dormi, sem resistir.
Certo é que por mim passaram,
como fantasmas, cantando,
saudosos murmúrios que a memória lembra
e sorri, ao sonhar
com os sons da minha terra.

E ouvi bater as horas no relógio da torre:

– *Tão...tão...tão...tão...*

como se fosse um acordar
numa noite de inverno,
ou o lindo e abençoado despertar
de uma manhã
louçã,
de primavera.

E ali, junto de mim,
costas coladas ao bojo de algum barco
que se fazia ao mar,
soltaram-se no ar
uns gritos de aleluia
anunciando uma nova aventura
para além do quebra-mar:

– *Ó salha... ó pega ó de roda... ó vai!*

E, ao mesmo tempo, inesperadamente,
surgia um outro barco, que voltava
e que rasgava
as ondas de poesia,
carregado de peixe e de maresia.

E logo então, na lota, aos encontrões.
por entre o algazarrar dos regatões,
se ouvia o apregoar dos vendedores,
seguido da resposta de um qualquer comprador:

– *Trinta... vinte e nove... oito... sete... seis... cinco...*

– *Chui!*

E, em seguida, em correria louca,
o peixe que saltara dos cabazes
e pulara para as mãos das vendedeiras,
alegres, atrevidas, regateiras,

corria, apregoado, rua fora e era
como tesouro da terra que o mar dera:
– *Sardinha fresca... É aproveitar, fregueses!...*

Mas logo ali, por estranha coincidência,
a ingénua turbulência
de enorme gritaria, os alvoroços
de vultos inquietos de mulher,
zangadas,
encrespadas,
a torcer, uma e outra, os cabelos puxados,
repuxados,
e, com as próprias saias levantadas
batendo, estranhamente, nas nalgas pessoais,
a praguejar demais
sabendo sempre a pouco:

– *Ah mentirosa, feia com'ó xarroco!...*

Mas, sem conseqüências de maior,
iam depois a um jogo de brincar
à pela,
no atirar à banca uma pequena bola
procurando acertar num caixote
velhote:

– *Duas... Vai?*

– *Venha!...*

E passavam, então, as tardes escaldantes
amigas, como dantes.

E, de mistura, indiferente à luta,
trabalhador e atento
ao que, no mundo inteiro, se passava,
passava, irrequieto, o velho ti Estaca,
saltitante, jocoso e pequenino,
de saco bem pesado atado ao ombro
e apregoando, enérgico, os jornais
que o mundo nos traziam, pontuais:

– *Ó «Século»! Ó «Notícias»!*

E ouvi, num misturar de sons de desventura,
com a névoa escura
a bailar nas palmeiras,
a nevoenta buzina do farol
pressagiando dramas e naufrágios:

– *Uuu...uuu... uuu...*

E vi barcos, lanchas e traineiras,
num redemoinhar de morte:

o «Alda», o «Santo António» e o «S.Martinho»,
a «Umbelina Maria», o «Benito» e a «Graça de Deus»
e tantos, tantos mais,
num trágico adeus de despedida,
ao mesmo tempo que outros,
depois de despejados
da pesca-maravilha conseguida,
cantavam, encostados
à muralha-defesa da Ribeira,
a cantilena feliz do alimpar das redes:
– *Ó vai ó leva... ó leva... ó leva... ó repileva...*
ó vai agora, ó leva... ó leva... ó repileva...

E eu sem dormir, cansado de sonhar,
até que me encontrei num largo com um rancho
a saltitar, feliz, por sobre uma fogueira
que, ritmado, cantava uma cantiga
que toda a gente, alegre, acompanhava:
– *Chora a videira, ó videirinha,*
chora a videira, ó rosa minha...
Enquanto alguns rapazes, em descante,
respondiam, marotos, num instante:
– *Chora a videira, ó videirosa,*
chora a videira, ó minha rosa...

Meu Deus, meu Deus, que sons que ao meu sonhar
acordam, de saudade, os sons da minha terra!

Que ali ao lado,
na quente noite daquele Junho quente,
também um grupo de crianças, irrequieto,
cantarolava, feliz, palmo de gente:
– *Venho pedir ao senhor barqueiro*
se me deixava passar,
tenho filhos pequeninos,
não os posso sustentar...

E ao perder-me numa rua onde a maresia
me enchia
de perfume a caminhada,
vi rendas, muitas rendas, a bailar
como farrapos míticos de espuma
nos piques de açafão das almofadas,

enquanto os bilros, gaiatos, saltitões,
festejavam nas mãos das rendilheiras
um cântico de luz e de alvoradas:

– *Trique... trique... trique... trique...*
Trique... trique... trique...

Entretanto, ao mesmo tempo
(e vá lá saber-se porquê...),
passava, ritmada, a procissão da Virgem,
Senhora da Boa Viagem.

As imagens dos santos e santinhos
tinham saído à rua, a tomar ar,
enquanto, irrequieto e ingénuo,
um anjinho pequenino
apertava, aflito, um quadro que trazia
e que das mãos meninas lhe fugia.
E surgem os bombeiros, com primor,
distintos e aprumados,
marchando cadenciados
ao som dos cornetins e do tambor:

– *Rataplan... rataplan...*
rataplan... plan... plan...
rataplan... rataplan...
rataplan... plan... plan...

O certo é que, coberto pelo pálio,
Nosso Senhor parecia estar contente
com a alegria da gente
que cantava.

E a banda ia fazendo companhia,
no compassado passar do passo certo,
a música que todos conheciam:

– *Taran... taran... taran...*
tarum... tarum... tarum...

E enquanto todo o mundo acompanhava,
sonhei ouvir, bem nítido,
o estralejar festivo dos foguetes
para as bandas verde-azúis do Revelim.
E, num louco voejar dentro de mim,
de quem, de não dormir,
sonhava que sonhava,
dei comigo, a brincar, nos Remédios,
a ouvir, a aplaudir
e a sorrir

da ingenuidade do anjinho de um dos círios,
enfeitado de plumas,
luvas brancas,

a apregoar a loa do romeiros:

– *A Senhora dos Remédios*

que está lá no seu altar,

foi ao Farilhão e veio

para nos vir visitar...

E o som da gaita de foles a voar

enchendo os ares tranquilos de alegria,

e a fantasia

do piar das gaivotas bailadeiras,

e o marulhar das ondas mensageiras

no seu arremeter contra os rochedos,

e os vivas, em alta voz, dos peregrinos:

– *Viva a Senhora dos Remédios!*

– *Viva!*

E ribombavam foguetes

ao chiar da gaita de foles

e aos gritos inocentes das crianças,

anunciando paz

e o renascer feliz de outras esperanças...

Foi então que acordei,

ou sonhei,

como eram lindos –e são– os sons da minha terra!

MARIANO CALADO

Peniche, 28 de Outubro de 2011